



AS VIVÊNCIAS COTIDIANAS DAS FEIRANTES DO BAIRRO BOM SUCESSO: SUAS HISTÓRIAS, REALIDADES E OS DESDOBRAMENTOS CULTURAIS DE SEUS AFAZERES.

Gabriela Almeida Ferreira¹

Regina Célia Costa²

RESUMO

O seguinte trabalho acadêmico buscou compreender o universo do trabalho feminino das feirantes do bairro Bom Sucesso na cidade de Imperatriz e seu papel como determinante para a provisão econômica das mesmas que são objeto dessa pesquisa. A feira do Bom Sucesso tem relevância socioeconômica para o cotidiano do bairro em que está inserida sendo que de forma geral é uma das mais importantes dentro da cidade. O foco dessa pesquisa acadêmica é o papel das mulheres que atuam na feira e desempenham atividades fundamentais para economia local. As mesmas atuam em todas as áreas no processo que envolve a comercialização dos produtos e inclusive no que se refere a venda de itens feitos por elas desde o artesanato a venda de gêneros alimentícios. O estudo busca trazer visibilidade ao trabalho, tratando da questão relacionada a autonomia feminina. A pesquisa foi realizada numa perspectiva histórico-estrutural, no sentido de que parte dos afazeres nas feiras no contexto da história da humanidade, segue percorrendo seu desenvolvimento ao longo da trajetória do capitalismo e relaciona o trabalho na feira à informalidade, a significação do mesmo para autonomia feminina, precariedade e baixa rede de proteção social em que atuam as mulheres que trabalham na feira do Bom Sucesso. A pesquisa tem como objetivo geral compreender o trabalho feminino na feira e sua relação com a afirmação da posição de autonomia econômica dessas mulheres e, como objetivos específicos, analisar as condições de trabalho da mulher no ambiente em questão; e identificar como as mulheres feirantes observam o cotidiano do trabalho que desempenham na feira do Bom Sucesso. O estudo foi realizado a partir da pesquisa qualitativa com os seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevista semiestruturada, história de vida e a análise dos dados a partir da análise de conteúdo.

Palavras-chave: Trabalho, Trabalho Feminino, Autonomia, Empoderamento Feminino, Feirantes.

INTRODUÇÃO

Num primeiro momento o trabalho desenvolvido a esse respeito visa frisar tanto a questão da apresentação da mulher e os espaços a ela relegados durante sua trajetória em relação ao mundo do trabalho quanto especificar o debate sobre o valor que o trabalho e a atividade de trabalhar significa ao ser humano. O trabalho é um agente formador do caráter e teve sua importância fundamental a ter inclusive o seu papel relacionado a divisão da sociedade em classes, pois além de servir para subsistência também tornou-se agente de acumulação de capitais, nesse sentido o primeiro capítulo faz uma estreita ligação entre o significado do trabalho e a introdução das mulheres nesse ambiente num instante em que deixa de ser feito no ambiente privado para ser desenvolvido num contexto externo.

¹ Pós-Graduada do Curso de História da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UemaSul, gabrielaalmeidaferreira30@gmail.com

² Professora Adjunta da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão-UemaSul, reginacelia@uemasul.edu.br.

Ademais, buscamos compreender o papel histórico das feiras, principalmente no que tange a ênfase desse como espaço de trocas comerciais, e ainda efetuais, simbólicas e míticas. Destacando o que existe de tão similar em dois ambientes tão diferentes (Feira e Universidade), ambos os espaços necessitam de cooperação para funcionar, de uma partilha de saberes, de aprendizagens mútuas, e claro é evidente o fato de que ninguém faz nada sozinho. E na feira e na universidade não seria diferente. Levando tudo isso em consideração, é importante frisar o destaque da mulher feirante, da mulher como dona do seu negócio, como suas próprias chefes, protagonistas de suas próprias histórias. Elas como ocupantes de espaços antes descritos como singular do universo masculino. Por meio de seu trabalho essas mulheres se realizam profissionalmente e se satisfazem de forma pessoal. Sobre a história do trabalho das mulheres temos:

A participação da mulher no mercado de trabalho começou de fato com a I e II guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945, respectivamente), pois quando seus esposos iam para a guerra elas não tinham como manter suas casas e por isso se viram na obrigação de irem em busca de renda para sustentar seus filhos. Com o final da guerra além de toda destruição que deixaram muitos dos esposos que iam para ela e não voltavam, pois haviam morrido nas batalhas e os que voltavam não tinham condições de trabalho, pois haviam sido mutilados e por essa razão elas continuaram a trabalhar fora de suas casas, pois se tornaram chefes de lares (CAMARGO, 2010, p. 19).

Portanto para finalizar, surgiu a necessidade de enfatizar o papel da mulher como geradora de renda, empreendedora, trabalhadora, pois quase não notamos as mesmas nas pesquisas acadêmicas. E quando colocamos a mulher como sujeito de pesquisa, estamos superando sua invisibilidade histórica e colocando-as como escritoras de suas próprias histórias.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa utilizamos inicialmente a pesquisa bibliográfica, sendo esta realizada em bibliotecas online e físicas. A pesquisa bibliográfica buscou conferir maiores referenciais teóricos para a pesquisadora no momento de desenvolvimento deste trabalho. Em seguida, partimos para uma pesquisa de campo para que houvesse um contato direto com as mulheres feirantes do bairro Bom Sucesso, das quais são fonte primordiais deste trabalho.

Com relação a explanação do conteúdo específico foram feitas entrevistas semiestruturadas tanto de coleta de dados quanto de experiências de vidas e valores que fundamentam a vivência de cada feirante. Ou seja, utilizamos a história oral e nos apropriamos dos depoimentos das feirantes para detalhar melhor nossa pesquisa.

Sobre a história oral, o trabalho acadêmico aqui desenvolvido afirma que a História pode contribuir muito para os estudos organizacionais, por meio de uma metodologia que favorece a história do tempo presente, através da narrativa dos sujeitos sociais. Esta pesquisa revela que,



permanentemente, a história oral tem valorizado “vozes” apagadas pela história oficial: os iletrados, as minorias, as mulheres, os camponeses, os operários.

REFERENCIAL TEÓRICO

As feiras fazem parte de uma prática comum a nossa realidade e funciona como um espaço de circulação financeira, empregabilidade, geração de renda. Nesse tocante as mulheres realizam trocas culturais e alcançam sua autonomia de forma progressiva, desenvolvendo no ambiente da feira a valorização do seu trabalho e as relações de reciprocidade entre as mesmas e o meio em que articulam seu trabalho.

As manifestações comerciais livres são um modo de comércio bastante usado na atualidade e que para se definir um valor próximo do ideal é importante desenvolver uma pesquisa dos gastos usados na mão de obra, fabricação e venda desses produtos ou serviços. É primordial ainda a observação dos diversos clientes para os quais são disponíveis os produtos e/ou serviços, e se esse elemento vai possibilitar privilégios e bem-estar ao consumidor.

Depois desse olhar, compreende-se também a busca de superação da concorrência, na presença de muitos outros produtores que deixam à venda os mesmos produtos com os mesmos preços, ou ainda mais barato com o objetivo de agradar os clientes e torná-los fixo para eles. Dessa forma, pode-se sempre notar quem é o concorrente e sempre ter como foco um ótimo atendimento, produtos de melhor qualidade e uma melhor precificação para lhe destacar entre os outros.

O desencadeamento de articulação sobre as feiras livres necessita de uma atuação comunitária, uma base que vise ajudar à população local e se articular ao ambiente em que ocorrerá. Ela acrescenta à sociedade, gera até uma dependência no dia-a-dia. Depois disso, tanto pela informalidade, estrutura e componentes que a completam, pode ser denominada como subalterna.

A pesquisa visa destacar a Feira do Bairro Bom Sucesso, que foi fundada em 13 de setembro de 1987, uma iniciativa de Pedro Ambrósio, após uma visita as cidades de São Paulo, Goiânia, Brasília, Belém, São Luís, Teresina, notando os modelos das feiras itinerantes, então a feira do Bairro Bom Sucesso é itinerante.

Sobre a realidade das feiras itinerantes Sara Toshie Sato et al discorre: “As feiras itinerantes são eventos temporários, que reúnem um grande número de expositores, provenientes deste e de outros Estados brasileiros, que se instalam nas cidades a fim de comercializar seus produtos com preços consideravelmente mais vantajosos em comparação



àqueles obtidos no comércio local. Nessas feiras são comercializadas as mais variadas espécies de produtos” (SATO et al, p.05).

Como não tinha mercado a Feira foi articulada para se deslocar na cidade, porém, ela nunca se deslocou pela falta de apoio da administração, e, ainda assim ela se desenvolveu muito, é uma grande feira que gerou e gera milhares de emprego e renda. O trabalho da feirante, funciona como uma forma delas alcançarem a própria independência (Íris, 2021) disse:

Tem gente que tem preconceito com feirante. Acha que feirante é um pobre coitado, entendeu? Mas, o feirante ele o, tudo enquanto que você for fazer você tem que ter Deus na sua direção, você tem que orar a ele, pedir paz e daí do seu esforço deus vai entendeu? Eu não tenho vergonha de ninguém, nem de cargo de ninguém que ganha bem, eu não estudei né? Melhor é eu trabalhar para mim eu posso um dia adoecer e não venho ninguém vai me reclamar, não tem ninguém pra tá me cobrando. (Íris, 2021).

Nessa época existiam poucas pessoas nessa região, para comprar um produto de feira, tinha que se deslocar para o mercadinho, não tinha em outro local, com a feira houve a expansão do bairro, essa região, que hoje tem em torno essa grande feira, possuem uma infraestrutura semelhante ao centro da cidade e gera emprego. Não é necessário se deslocar para o centro da cidade, para realizar alguns serviços, por que nesse bairro tem loteria, e ainda junto com a feira chegaram grandes empresas, principalmente eletrodomésticos, farmácias, supermercados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Feira do Bairro Bom sucesso, mais conhecida como “Feirinha do Bom sucesso”, situada no Bairro com mesmo nome, na cidade de Imperatriz, estado do Maranhão, trouxe um grande crescimento para o bairro. Foi fundada na década de 80, especificamente em 1987, e é inquestionável a contribuição para a vida dos moradores, com os diversos serviços de empresas que juntamente com a Feira, se instalaram no Bairro Bom Sucesso, a quantidade de empregos que foi gerado, e ainda uma identidade e cultura para os moradores. Com mais opções de compra e venda, de diversidade de produtos, acessibilidade de valores, essa feira traz um grande progresso para a vida dos vendedores, feirantes e principalmente moradores. Sobre as particularidades das Feiras em geral e também da Feira do Bom Sucesso, (Cardoso e Maia, 2010) discorre que:

As feiras continuam sendo um espaço integrador, que liga o campo à cidade, pois é para as feiras que se dirigem os agricultores e criadores. O dia da feira é marcado por muita movimentação, conversas, compras e vendas de produtos diversificados. É o momento dos pequenos agricultores da redondeza trazerem os seus produtos para serem vendidos e se abastecerem de outros gêneros. É também o momento do encontro com o cliente, o esperado e amigo cliente, além de um espaço destinado às amizades e diversas conversas, que variam desde problemas familiares, religião, política, até dicas de receitas, remédios, etc. Na feira, encontra-se de tudo, desde gêneros alimentícios, incluindo carnes, legumes, frutas, verduras, queijo, coco, doces



etc. até roupas, calçados, flores, utensílios domésticos, plásticos, louças, chapéus, chicotes, botas, cds, dvds, entre outros produtos (CARDOSO e MAIA, 2010 APUD MORAIS, 2014, p. 4).

Entender a mulher e as relações de trabalho nos faz refletir sobre as mulheres em suas relações sociais e, a partir daí, sua função na sociedade, e também, sua configuração como ser social. Logo, é importante uma reflexão sobre os significados de mulher e trabalho, onde tornará possível uma grande compreensão da relação mulher e trabalho.

A pesquisa em questão nasceu pela necessidade de destacar o papel da mulher como geradora de renda, empreendedora, trabalhadora, já que raramente não vemos as mesmas nas pesquisas acadêmicas. E no momento que é colocada como sujeito do trabalho de pesquisa, a invisibilidade histórica feminina é superada e deixando-as como protagonistas de suas próprias histórias.

A feira é um local de confluência das redes que são criadas sobre seu território, as redes que analisamos na pesquisa são as dos produtos e a das feirantes que se ligam e criam vínculo nesse ambiente. Entrar no mundo das feirantes e percebê-las mostrou que “aprenderam” a ser feirantes com seus familiares e que o fato de permanecerem na feira se dá por precisarem trabalhar e pelo significado de ser feirante.

De geração a geração, de família para família, de mãe para filha. Geralmente as pessoas desenvolvem uma profissão através de uma herança familiar. Ocorre também com Professores, Médicos, Advogados e com as Feirantes não iria ser diferente. Várias dessas mulheres desenvolvem tal atividade por que seus pais já a praticavam. E desde muito pequenas já observavam o dia-a-dia de uma feirante. E como forma de valorizar, de sobreviver, de gerar renda e de propagar esse trabalho, elas trilham essa direção, ou seja, o caminho das feiras, do empreendedorismo, da realização profissional e do trabalho como maneira de se sentirem úteis e produtivas.

As feirantes de Fortaleza, por exemplo, desenvolvem os métodos ao reproduzir os saberes de sua família e dos demais feirantes que mostram uma “série de habilidades que o deixa capacitado de estruturar todos os códigos e atitudes do ato de comercializar, sendo dessa forma como a manipulação coerente dos objetos e das mercadorias, traduzindo, de como expor como maneira de conquistar o freguês” (MENEZES, 2005, p. 61 APUD ARAUJO, p. 572).

Silva (2016) diz que as técnicas das feirantes se iniciam na montagem da banca e atinge a comercialização, a propagação audiovisual do produto e as maneiras de pagamento. As Feirantes conversam com os fregueses, e a ainda entre si, solidificando ajuda mútua, resolvendo necessidades de produtos, trocos e informações. Observando os sons das feiras, Zanini e Santos (2015, p. 45) dizem que palavras e atitudes “buscam introduzir os clientes nas compras e



também nos diálogos. Comunicar um produto não é somente gritar seu nome e preço, mas colocá-lo nas oportunidades de troca que têm espaço no mercado, colocando-o como algo diferenciado”.

As feirantes são pessoas dispostas a trocas, um ser dotado que se interessa pelo processo da vida de cada freguês. A feirante se coloca não apenas como aquela que oferece bens de consumo imediato, mas uma “amiga da família” é bem notável num ambiente tão aberto a relações sociais. Uma prova disso é quando a Feirante vai no seu cliente em potencial e pergunta “a família tá bem? Tá querendo um pescado pro almoço de domingo, né sinhô?”. Notamos uma relação única contida nessa troca. Se acontecer a reciprocidade, o comprador irá seguir com a conversa e falar dos seus problemas, compartilhar parte de sua vida. No meio das mulheres, é muito comum, tem ainda dicas de culinária, conteúdos sobre a família e bem estar pessoal, esses são alguns dos assuntos mais interessantes e recorrentes.

Entre as mulheres feirantes, foi constatado que, por meio da disputa de espaço e de freguesia, existia uma relação de protecionismo entre as feirantes. Sempre acontece de alguma puxar o banco para perto da outra e conversar, rir, trocar alimentos e confidenciar histórias. Acontecia também de marcarem encontros fora do ambiente de trabalho. E ainda de escutarem músicas juntas.

Devemos dá a ênfase para a mulher feirante, essa como dona do seu negócio, como sua própria chefe, protagonistas de suas próprias histórias. Essas mulheres como ocupantes de locais antes relatados como característicos do universo masculino. Através de seu ofício as mesmas se realizam profissionalmente e se satisfazem de forma pessoal.

O começo de seu ofício na feira foi assim, (Begônia, 2021), disse:

De feirante é porque eu comecei a vender verdura na rua ai depois eu aluguei um pontinho aqui na feira e fui trabalhando assim. Eu e meu marido começemo com isso. Eu criei duas filhas nesse ramo. Uma trabalha em Imperatriz no socorrão a mais velha e a outra trabalha a mais nova em Davinópolis, agente penitenciário. Graças a Deus! Eu clamo toda hora ao Senhor! (Begônia, 2021).

O trabalho feminino sempre esteve presente – já que precisamos reconhecer as atividades do lar e cuidados dos filhos. Mas, com as grandes alterações ocorridas na sociedade, a participação da mulher no mundo do trabalho foi sendo retificada. Como percebemos, várias mulheres foram se inserindo no mundo do trabalho devido às necessidades de sustento na ausência de seus companheiros e, outras, também, com o objetivo de ajudar os companheiros nas despesas do lar e das famílias. Sobre a segurança financeira que o ambiente da feira oferece, (Begônia, 2021), afirma:



Confio, por que eu entrego é para Deus, Senhor cada centavo que eu ganhar, é custamento de suor derramado, eu trabalho é assim, com muita garra, muito amor que eu tenho. Eu vou com o meu carro de mão, assim para a beira-rio, assim que acabar esse sol, eu vou para a beira-rio parece que eu tô indo é para o céu, quando eu digo para os meus meninos olha não sinta vergonha, que eu tô trabalhando, por que eu vou por amor, eu só peço a Deus que Deus me dê saúde, para mim vencer isso aí, é o que eu peço a meus filhos, não ter vergonha, tem família minha que tem vergonha de mim, por que eu arrasto um carro de mão, que tenha, não tô nem aí. Mas ruim se eu chegar lá, o fulano me dá um kilo de arroz que lá em casa eu não tenho, nunca fui senhor, e nem eu de ir. Agora trabalhar eu vou. E é com honestidade. (Begônia, 2021).

A conexão das mulheres feirantes com a realidade simbólica mostra como elas compreendem as necessidades sociais da sua cidade. Destaca-se ainda, a felicidade na sua fala quando diz que é um privilégio ser uma feirante, ter sua casa própria, não depender do marido e gerar renda para manter as despesas do lar. Em um contexto cultural, as mulheres feirantes dizem que são muito mais que só força de trabalho e que trazem da infância o que hoje comercializam. (BRASIL, 2007, p.88).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar então que as feiras contribuíram muito para as lutas femininas na escalada pelo próprio protagonismo e enquanto agentes políticos na estruturação e na prática de modelos agrícolas alternativos em suas comunidades, de modo especial, aqueles norteados pela perspectiva agroecológica (BURG, 2005 APUD LIMA, 2005, p.3-4).

Durante as entrevistas, as feirantes casadas contaram que contribuem diretamente no orçamento familiar, e que sua renda muitas vezes é a única dentro da residência onde moram e assim ajudam diretamente para manutenção do lar, no pagamento das despesas fixas e diversas compras de alimentos, roupas e demais acessórios importantes para a família.

As feirantes que afirmaram ser solteiras trabalham e tem uma renda mensal, que traz sua independência e as tornam autônomas financeiramente para entrar em uma relação à dois. Dessa forma, o fato de terem uma renda muda a maneira como essas mulheres notam e como vão desenvolver seus relacionamentos, pois, são mulheres empoderadas que não irão depender somente dos seus companheiros para se sustentarem.

Essas mulheres, quando indagadas sobre autonomia financeira, contaram que são economicamente independentes e ainda que o trabalho na feira foi o principal responsável para essa emancipação, já que agora elas podem ajudar no pagamento das despesas da casa e não precisam mais pedir dinheiro para os seus companheiros/esposos para a execução de suas vontades e necessidades.



O trabalho com o comércio de bens e serviços tem a função de modificar a vida das pessoas, principalmente a das feirantes do bairro bom sucesso que participaram das entrevistas, pois, a comercialização de seus produtos tem gerado a autonomia financeira (principal vantagem comentada), a independência de ação como mulher e a melhora na saúde física e mental, onde muitas dizem que esse trabalho se modificou em uma atividade de lazer, já que elas criam novas amizades e aumentam suas redes de contatos com outras feirantes, clientes e profissionais.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Alexandro Moura et al. **Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres**. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2018.
- BRASIL, Walena. **Mulheres, desenvolvimento local e sucesso: as feirantes de Belém (PA) e as políticas públicas de geração de renda**. Belém: UFPA, 2007.
- CAMARGO, D. B. S. **Participação das mulheres no mercado de trabalho**. Trabalho de Conclusão de Curso. Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, Assis, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/0711260311.pdf> Acesso em: 10 mar. 2023.
- LIMA, Jessé Rafael Bento de et al. **Perfil socioeconômico de mulheres feirantes do Estado de Alagoas, Brasil: Liderança e empoderamento feminino camponês**. Curitiba: Braz. J. of Develop. 2020.
- MORAIS, Francilene Araujo de. **O saber profissional do feirante**. São Paulo: XVII SemeAd, 2014.
- SANTOS, Lorena Emanuele da Silva et al. **A representação das feirantes, suas relações e a incorporação da teoria da reciprocidade na execução do trabalho nas feiras do Guamá e da Pedreira**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015.
- SATO, Sara Toshie. **Feiras Itinerantes: Uma abordagem prática!**. Minas Gerais: FCDL, 20??.
- SILVA, Juliana Gouveia Alves da. **Pra onde tu vai, Maria? Vou pra feira da Sulanca!?: um estudo sobre o trabalho feminino na Feira da Sulanca de Caruaru-PE**. Recife: UFP, 2016.